

cescontexto

O Drama dos/as Refugiados/as na Europa

Organização
Carlos Nolasco
Elsa Lechner

Nº 18

Setembro, 2017

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Propriedade e Edição/Property and Edition

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Comissão Editorial/Editorial Board

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

Índice

Carlos Nolasco e Elsa Lechner

Introdução: o drama dos/as refugiados/as na Europa – estágio “Ciência Viva” 2

Gaia Giuliani

The Mediterranean of the refugees: For a reading of colonial implications in spatial imagination..... 8

Olga Solovova

Ideologias em marcha: fotografias a documentar a viagem de refugiados/as..... 19

Edgard Raoul Neto

Última saída..... 29

Ana Perpétuo

“Dare to Care” 48

Ângela Marques

Muros da Vergonha/Fences of Shame 54

Cristiana Antunes

Abusos de poder e quotidiano nos campos de refugiados/as 58

Rita Santos

Reflexão Pessoal 62

Pedro Costa Marques

Drama dos/as refugiados/as na Europa. Acordo entre a União Europeia e a Turquia 65

Joana Sousa Ribeiro

“O CES vai à Escola” e Refugiados/as: quando o saber ocupa lugar 69

Ideologias em marcha: fotografias a documentar a viagem de refugiados/as

Olga Solovova,¹ Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
olga@ces.uc.pt

Resumo: Neste ensaio pretende-se analisar o uso da linguagem visual na fotografia, bem como a sua interação com as legendas e os títulos de notícias sobre a crise de refugiados/as, tal como foi retratada pelos meios de comunicação social em Portugal e na Rússia. Entre os vários tipos de fotografia, a documental – utilizada nas ciências sociais e humanas – é muitas vezes considerada como um mero registo da realidade. No entanto, em conjunto com o texto, a imagem fotográfica colabora na construção de determinadas visões sobre as populações refugiadas e sobre as medidas políticas mais adequadas em relação a estas populações. O seu potencial interpretativo modifica-se com o tempo inserindo-se no contexto cultural das sociedades, sustentado pelas visões predominantes e metáforas familiares naquela sociedade. Ao analisar uma série de notícias publicadas em 2015-2016 na Rússia e em Portugal sobre a viagem de refugiados/as através da Europa, faz-se uma tentativa de identificar as principais tendências simbólicas, bem como as ausências significativas nessa narrativa visual.

Palavras-chave: modos de representação, linguagem visual, refugiados/as e migração forçada, manipulação.

Introdução

Ao considerar o uso da fotografia nas ciências sociais, os famosos sociólogos americanos John Collier e Howard Becker caracterizaram-na como fonte que oferece “registos precisos da realidade material” (Collier, 1967: 5), retratando “a vida, real de carne e osso” (Becker, 2002: 11). Olhando para a fotografia como *um* modo de representação – dos atores, dos contrastes e dos conflitos sociais – *entre outros*, bem como para a sua ligação com o modo textual, pretende-se neste ensaio ver como as configurações desses modos de representação são utilizadas pelos meios de comunicação social de forma a apresentar visões particulares sobre a dita ‘crise de refugiados’. As fotografias dos grupos de refugiados/as aqui consideradas foram publicadas pelos meios de comunicação social na Rússia e em Portugal entre junho de 2015 e junho de 2016 – período ao longo do qual as notícias dos naufrágios de barcos carregados de pessoas a fugirem das guerras tornaram-se uma presença constante e uma

¹ Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde integra o Núcleo Núcleo de Estudos sobre Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz. É doutorada em Línguas e Literaturas Modernas (especialidade de Sociolinguística), pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Os seus interesses de investigação centram-se nas paisagens linguísticas e semiótica social.

realidade incontornável. A resposta da União Europeia tem-se apresentado com fraturas e falta de unidade na solidariedade entre os Estados-Membros. No entanto, não podendo ignorar as imagens da crise humanitária a acontecer nas suas fronteiras, a Europa foi acolhendo os refugiados/as re-imaginando-se conseqüentemente a si própria numa tentativa de encaixar essas pessoas nos seus imaginários coletivos. Quais são então as metáforas mais recorrentes que encontramos nessas narrativas visuais? Que ideologias lhes estão subjacentes? Que tipo de narrativa sobre a crise de refugiados/as tentam construir? Essas são as questões que orientam este ensaio.

1. Fotografia a documentar a vida social: dimensões de poder

A fotografia começa a documentar a vida desde os anos 30 do século XIX, logo com o surgimento dos primeiros daguerreótipos. Baudelaire (1999), na sua carta “O público moderno e a fotografia”, publicada em 1859, já apontava as principais diferenças funcionais entre as duas artes visuais – pintura e fotografia – colocando a fotografia na mesma categoria da pintura naturalista e atribuindo-lhe o papel de captura do ‘verdadeiro’ em oposição ao ‘belo’. Ao mesmo tempo que trata os fotógrafos do seu tempo com algum desprezo, posicionando-os ao mesmo nível dos “pintores fracassados”, Baudelaire prevê uma massificação da nova arte, por facilitar o acesso às artes visuais pelo povo. Neste sentido, talvez sem se aperceber disso, o autor destaca uma dimensão na qual a fotografia marcará uma grande diferença relativamente à pintura: por basear a sua relação com o público numa forma de consumo e de entretenimento.

Mais de cem anos depois, Susan Sontag (1999: 81) distinguirá as três maneiras através das quais a fotografia, ao entrar nas nossas vidas, representa aquisição e consumo: permitindo, por um lado, “obter” a pessoa ou o objeto desejado; por outro lado, dando a oportunidade, de certo modo, de participar na experiência fotografada e, através da sua massificação, de se tornar parte dos canais de distribuição da informação. Tal relação de consumo cria uma motivação forte por parte de quem produz a fotografia para tentar corresponder às expectativas dos consumidores, abrindo assim o caminho à manipulação do tema, objeto e forma de fotografar. Na era moderna, a dimensão visual concentra em si o poder de dizer as coisas, por se inserir na cultura de “oculocentrismo” (Urry e Crawshaw, 1995), onde a visão e as experiências visuais “desempenham papel crucial na história de imaginação da cultura ocidental” (*Ibidem*: 50).

A conceptualização da fotografia como uma arte que retrata o ‘verdadeiro’ leva à criação de arquivos fotográficos de missões etnográficas, coloniais, militares e de outros dispositivos de memória que se encontram entre as fontes utilizadas por historiadores, sociólogos, antropólogos e demais investigadores/as das ciências sociais e humanidades. No entanto, a interação entre o consumo e o registo/ilustração da verdade, aliada ao poder de autoria, alimenta a proliferação das várias versões da mesma realidade conforme os interesses dos seus autores face à imaginação das expectativas dos seus públicos-alvo. Logo no início, desde a captação das imagens dos povos indígenas em África às incursões militares da Guerra da Crimeia (1853-1856), bem como à ilustração da vida nos bairros empobrecidos de Londres (1877), a fotografia criou uma série de ilusões da realidade sustentando e ocultando a exotificação e a alterização do Outro, a glorificação e a desproblematização das violências simbólicas e das desigualdades sociais registadas nas imagens.

Apesar da primeira função da fotografia ser, muitas vezes, entendida como ‘denotar’, ou seja, ‘mostrar’, no sentido literal do verbo, ao oferecer a possibilidade do consumo visual (Urry e Crawshaw, 1995), a fotografia não só coloca no plano do poder a representação da diferença cultural (entre o Eu e o exótico/distante Outro), como também pretende construir a percepção dessa diferença apelando a discursos múltiplos que às vezes são contraditórios

(Clifford, 1988: 14). Em resultado, uma imagem fotográfica nunca transmite apenas *uma* mensagem, mas contém sempre uma meta-mensagem – ou seja, uma indicação de como a mensagem principal, aquilo que é denotado, deve ser interpretada (Bateson, 2000). Tal indicação não surge do nada, antes reconfigura, de acordo com a distribuição de poder vigente na sociedade, os meios e símbolos de interpretação já disponíveis no contexto cultural e sociopolítico do seu público-alvo. Neste sentido, uma representação através da fotografia é sempre uma representação cultural (Hallam e Street, 2000: 7). E, dessa forma, ela transporta consigo o olhar recorrente sobre as relações de poder entre os representantes dos vários grupos sociais e culturais, um lugar onde se reproduzem, priorizam e se reforçam determinadas concetualizações, valores e visões, e onde se omitem e silenciam as outras.

No domínio das migrações, as representações fotográficas delimitam um panorama de visões predominantes que, por sua vez, são enraizadas na história da relação entre migrantes e cidadãos dos países de acolhimento. Pode-se prever uma modificação das representações associada às mudanças de políticas migratórias, pois estas operam sobre a configuração das relações de poder entre migrantes e autóctones. No entanto, seria muito simplificador afirmar que uma representação nova substituiria completamente a anterior no momento da mudança: haverá sempre momentos e espaços discursivos múltiplos, nos quais várias representações coexistem num jogo de forças, tentando cada uma delas encontrar o seu adepto (Blackledge, 2005: 5). Norman Fairclough (2006) sublinha que toda a vida social é mediada pelos discursos, onde as representações desempenham um papel mais premente.

2. Multiplicidade dos modos de representação e valores de significação

Uma vez que o tema deste ensaio é a mobilidade e as migrações captadas por fotografia, focamo-nos no exemplo de um dos mais famosos retratos fotográficos da contemporaneidade – “Mulher migrante” de Dorothea Lange dos tempos da Grande Depressão (Fig.1). Importa referir que o título original do retrato (“*Destitute pea pickers in California*”)² não evocava o tema das migrações, mas sim a precariedade do trabalho sazonal agrícola. Apenas passadas algumas décadas, este retrato adquiriu o nome sob o qual ficou tão conhecido (“*Migrant mother*”).

² O termo “pea pickers” nos tempos da Grande Depressão referia-se não apenas a “apanhadores de ervilha”, mas era utilizado para descrever, de forma derogatória, todo o tipo de trabalhadores/as sazonais pouco qualificados/as.

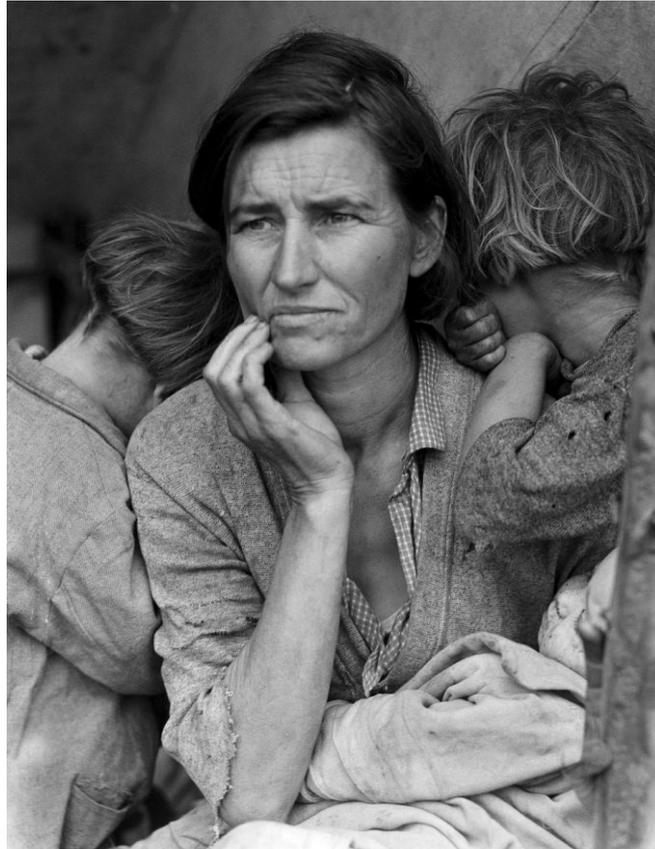


Fig. 1. “Migrant mother” (Dorothea Lange, 1932).

Nesta fotografia figuram quatro pessoas – uma mulher e três crianças. As crianças mais velhas, cujos rostos estão escondidos, têm as cabeças encostadas e as mãos pousadas sobre os ombros da mulher. A mulher segura um bebê nos seus braços. Pela posição dos seus corpos, que formam uma união procurando proteção, conseguimos identificar a relação entre as personagens – trata-se de uma mãe com os seus filhos. Esta é a primeira mensagem da imagem. Num segundo instante, reparamos na expressão do rosto da mãe, nos seus gestos, no cabelo desganhado das crianças e no estado gasto das suas roupas. Assim, a meta-mensagem desta foto comporta o tema da pobreza, do cansaço e da sobrevivência.

Ao ler o título original, “*Destitute pea pickers in California*”, um observador provavelmente perguntaria: Por que está a mulher sozinha com os filhos? Como a família se sustenta? Haverá mais alguém para ajudar esta mulher? Perante o novo título, “Mulher migrante”, é como se a lente mudasse o enfoque para o percurso percorrido pela fotografada até ao espaço e tempo capturados na imagem. Para além disso, com o efeito direto da mudança do título, a mulher com as crianças torna-se a figura principal da fotografia, enfatizando assim o tema da maternidade e reforçando, ao mesmo tempo, a dimensão “vital de empatia e solidariedade” (Entin, 2014: 842). Desta forma, a relação entre os modos visual e textual é reconfigurada.

À medida que examinamos imagens fotográficas apercebemo-nos de que existe uma relação entre as nossas interpretações e as propriedades específicas de cada imagem: não é aleatória a escolha das personagens e objetos fotografados, nem o posicionamento da lente, nem o ângulo de filmagem, nem o enquadramento, nem a gama das cores (ou o jogo de luz e sombra no caso de fotos a preto e branco). As escolhas constituem a linguagem visual própria da fotografia enquanto modo visual, pois elas não atuam de maneira isolada, mas sim inseridas num sistema de opções facilmente reconhecíveis (e.g. a qualidade da luz na

fotografia pode variar entre a plena luz e a plena sombra, as suas variações influenciando a nossa interpretação da imagem). Como em outros modos de representação (sonoro, textual, performativo, etc.), existem padrões e convenções no meio escolhido que constituem gêneros e estilos utilizados por mestres de comunicação visual como designers e fotojornalistas, para tornar mais eficaz o processo de transmissão das mensagens e meta-mensagens. Na sua análise do modo visual, Kress e van Leeuwen chegam a falar de “gramática do design visual” (1996: 2). De facto, as cores de impressão diferenciam-se não só das outras cores e tons, como também, inclusive dentro da mesma cor, se distribuem pelas escalas de intensidade, saturação e nuances, associando valores de intensidade emocional e de assertividade. As personagens de uma fotografia podem contrastar-se quanto à proximidade e ângulo de visão, podem figurar individualmente ou em grupo. As suas posturas corporais podem ficar associadas a valores de assertividade e fragilidade, robustez física ou cansaço, etc..

Todas essas e outras escolhas na comunicação visual resultam em mudança dos significados que perfazem as mensagens e meta-mensagens aí veiculadas. Importa frisar que, sendo representações culturais inseridas num espaço-tempo de determinados grupos sociais, os valores semióticos (de significação) do modo visual, e dos outros modos de comunicação, contêm o potencial *interpretativo* que não é fixo, mas variável. Assim como previamente discutido, qualquer mudança nas opções comunicativas opera no campo do poder, acarretando, portanto, uma mudança ideológica.

Quando uma fotografia está acompanhada por texto, os dois modos comunicacionais entram em relações semióticas. Para além de negociarem e reconfigurarem o espaço da página, do ecrã ou do monitor, o modo textual passa a ser avaliado em função do registo visual associado. Por exemplo, se a letra for manuscrita ou impressa, é trabalhado o conceito de formalidade levando à metáfora do “temporário/duradouro” no modo visual. Dependendo do tamanho e do tipo da fonte utilizada, o autor do texto (*designer* textual) poderá optar por salientar uma determinada parte do texto. Em termos da mensagem, o texto e a imagem fotográfica inscrevem-se num espaço relacional semiótico, onde o valor expresso através do texto poderá reforçar, complementar ou contestar a mensagem do modo visual. Desta maneira, os modos textual e visual compõem a representação da realidade, constituindo, nas palavras de Fairclough (2006: 13) “a vida social textualmente mediada” que, por sua vez, acaba por ser moldada “por representações que são produzidas em todo o lado” (*ibidem*). Qualquer tipo de texto, seja ele visual, sensorial ou gráfico, tem traços de outros textos a lutar pelo lugar dominante.

Partindo dos conceitos do design e da gramática para a interpretação deste espaço semiótico de inter-relação entre o modo textual e o visual, incluímos no enquadramento teórico três dimensões analíticas propostas pelo linguista australiano M. A. K. Halliday (1978):

- a) **ideacional** – identifica ideias e processos sociais referidos. Neste caso, perguntando: O que está a figurar na fotografia? Que participantes, objetos, cenários?
- b) **interpessoal** – que tipo de relações entre os participantes, entre eles e o cenário, entre eles e os objetos?
- c) **textual** – como, com que meios se constrói a coerência entre os participantes, cenário e objetos? Que narrativa estará a contar?

Todas estas dimensões perfazem a mensagem e a meta-mensagem da fotografia colaborando na sua representação da realidade. Uma mudança mais pequena ou leitura menos atenta dessas dimensões afetariam a sua interpretação. Como dissemos acima, além de denotarem a realidade social, os variados modos de representação utilizam pessoas, eventos e locais concretos para transmitir ideias e meta-mensagens, ou seja, dão-lhes certa conotação, acrescentando-lhes mensagens adicionais sobre a forma como a realidade deveria ser interpretada. Desta forma, as representações influenciam desde as visões das pessoas sobre a

sua realidade social, as formas que as suas práticas e modos de estar nesta realidade adotam, até às maneiras como as pessoas se veem a si próprias e às outras (Fairclough, 2006). As representações acabam por influenciar a maneira como pensamos as relações sociais e podem chegar a legitimar determinadas formas de organização social e de poder. Por exemplo, uma personagem que desempenha na fotografia um papel passivo em relação às outras, ficando afetada pelas suas ações (e.g. crianças protegidas pela mãe), está a introduzir o tema da vulnerabilidade e da inocência. A reprodução frequente deste padrão torna a associação entre a criança na foto e a vulnerabilidade/inocência mais direta e imediata. Para desafiar essa associação assumida, o fotógrafo pode optar, por exemplo, por retratar uma criança com uma Kalashnikov AK-47 criando assim um efeito de choque (Machin, 2007: 31 e 114).

O quadro analítico apresentado até agora pretende guiar a nossa análise das representações mediáticas das viagens feitas por refugiados/as através da Europa. Antes de passarmos à análise de fotografias concretas, descrevemos brevemente o contexto social e político em que as fotografias escolhidas surgiram.

3. Multiplicidade dos discursos e das medidas políticas: refugiados/as na Europa e na Rússia

3.1. Populações forçadas a emigrar na Europa nos últimos anos

Segundo relatórios das Nações Unidas, em 2015 mais de 65 milhões de pessoas no mundo tiveram que abandonar os seus países de origem em consequência de guerras, mudanças climáticas e perseguições políticas ou religiosas, etc. (UNHCR, 2015). Mais de 21 milhões de pessoas encontram-se hoje refugiadas, e 10 milhões são apátridas – número em que crianças e adolescentes constituem mais de metade. O relatório de UNICEF de junho de 2016 (UNICEF, 2016) estima que 9 em cada 10 menores refugiados/as não esteja acompanhado. A Comissão Europeia descreve esta situação como sendo a maior crise humanitária desde os tempos da Segunda Guerra Mundial.

Importa referir que o fenómeno da migração forçada não é inédito na história da humanidade, nem é algo de estranho para a Europa das décadas recentes, basta lembrar os movimentos de refugiados/as resultantes das guerras nos Balcãs (1996-1999) e do conflito na Ucrânia (2014-2015). No entanto, perante o movimento até à Europa de refugiados/as dos países do Médio Oriente e do norte da África, a resposta da União Europeia surge pouco uniforme e solidária, mesmo apesar do facto de que apenas 6% dos/as refugiados/as procura instalar-se nos países europeus (em contraste com os 39 % das populações forçadas já acolhidas pelos países vizinhos (UNHCR, 2015). Perante esta crise, a Suécia e a Dinamarca restabeleceram o controle policial e militar das suas fronteiras; a Finlândia reforçou as deportações e reduziu subsídios aos/às refugiados/as e requerentes de asilo, ao mesmo tempo que a Hungria apelou à construção de muros para impedir o trânsito e a instalação de refugiados/as na Europa. A Alemanha é o país da UE que mais tem acolhido refugiados/as, o que se contribuiu para a derrota do partido liderado por Angela Merkel nas últimas eleições regionais.

No fim de junho de 2016, Portugal foi o destino de 400 refugiados/as.³ Em outubro do

³ SIC Notícias, Jornal dos 12, 19 de junho de 2016 (<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/crise-migratoria/2016-06-19-Casal-sirio-vive-com-os-sete-filhos-na-Nazare>, acedido em 1 de maio de 2017).

mesmo ano, o governo português declarou que o país estaria preparado para dar abrigo temporário a cerca de 10 mil refugiados/as. O mais recente estudo de opinião pública em Portugal (*European Social Survey*, ICS-UL, publicado em novembro de 2016 e referente a 2014/2015) revela que os portugueses estavam na sua maioria mais favoráveis à vinda de refugiados/as do que de imigrantes económicos. Essa divisão das atitudes perante refugiados/as e migrantes económicos é curiosa de ponto de vista de uma análise do modo textual. Segundo as observações dos meios de comunicação, em Portugal, ao longo do período traçado (2015-2016), o termo “migrante” nos discursos mediáticos e populares tende a ser utilizado como sinónimo de refugiado. Nos discursos institucionais, no entanto, essa divisão provém dos canais de enquadramento legal bastante distintos e, por isso, os termos são separados.

A Federação Russa, apesar de se situar no continente europeu, parece representar um caso à parte – tanto em termos da situação geopolítica, como no que se refere aos dados concretos de acolhimento de refugiados/as. Por um lado, segundo o relatório do ano 2015 do UNHCR, a Rússia é o país que se segue à Alemanha em número de pedidos de asilo (100 mil no total; 99.300 dos quais são pedidos de asilo temporário). No entanto, 98% desses pedidos foi apresentado por cidadãos ucranianos habitantes na área do conflito na Ucrânia Oriental, o que significa que apenas 2% dos pedidos provém de refugiados/as de outros países.

Apesar dessa diferença, em número, das pessoas acolhidas, Portugal e Rússia podem ser comparados em termos das motivações das populações deslocadas e da situação dos/as refugiados/as no país. Por ficarem fora das rotas habituais, não se prevê uma grande vaga de para Portugal nem para Rússia. Na maioria dos casos, ambos os países representam um destino temporário servindo de ponte de passagem da Ásia para Europa, e daí para os países mais ricos da União Europeia: de Portugal e da Rússia para a Alemanha, Suécia e Noruega (os casos mais mediáticos reportam essa viagem feita por refugiados/as de bicicleta (Vesti, 2015).

Por ser destino temporário, são igualmente poucos os que pedem – e os que conseguem – o estatuto oficial de refugiado. Quanto aos/às refugiados/as provenientes da Síria, o estatuto de asilo temporário foi concedido pelas autoridades russas a dois mil sírios; ao todo encontram-se dez mil sírios na Rússia. Como sublinha S. Gannushkina, da Fundação “*Grazhdanskoe Sodejstvie*” [Colaboração Civil], 790 pessoas receberam o estatuto oficial de refugiado na Rússia no final de 2014, apenas dois deles eram sírios (Open Russia, 2015).

Por contraste com Portugal, que representa um país sem óbvias ligações históricas à Síria, a Rússia enquanto destino de asilo não surge por acaso nos planos de refugiados/as deste país. A Síria e a Rússia têm sido aliadas nas esferas técnico-militar e económica desde os tempos da União Soviética (especificamente a partir dos anos 60 do séc. XX). Houve especialistas militares e civis sírios que se formaram nas universidades soviéticas e russas, que criaram famílias nas cidades de repúblicas soviéticas e aí tiveram filhos (Lenta, 2015). Desde os anos 1980, trabalhadores/as de empresas sírias da indústria têxtil fundadas na Rússia têm constituído uma diáspora à volta das fábricas. No entanto, apesar dessas ligações ao país, o estatuto temporário continua a ser o único estatuto disponível para populações forçadas na Federação Russa. A associação da Síria, nos discursos populares e mediáticos russos, à ameaça terrorista islamita também contribui para reduzir a probabilidade de aquisição do título oficial de asilo mesmo no caso dos sírios cristãos.

3.2. Para uma análise da relação visual e textual das fotografias: do desespero à ameaça, da catástrofe humanitária à falta do futuro

Todas as fotografias utilizadas neste ensaio foram publicadas por grandes agências

internacionais como a *United Nations Relief and Works Agency* (UNRWA), *Reuters* e *European Pressphoto Agency*. Estas imagens foram selecionadas por jornalistas dos média em língua russa e portuguesa para ilustrar notícias publicadas entre junho de 2015 e de 2016 sobre a viagem de refugiados/as até à Europa através do continente europeu. Apresentam um interesse especial as imagens provenientes da mesma agência internacional e posteriormente acompanhadas de texto pelos jornais russos e portugueses.

Aplicando as três dimensões analíticas distinguidas por Halliday (ideacional, interpessoal e textual) para examinar as narrativas visuais, distinguimos os temas que surgem com mais frequência, identificamos os atores e papéis que esses desempenham nas narrativas e as relações entre eles. A seguir, estudámos a interação entre as narrativas visuais e os títulos das notícias em russo e em português: se a mensagem do título complementa, reforça ou contrasta a ideia expressa através do modo visual.

Basta olhar muito brevemente sobre as notícias publicadas nesse ano (junho de 2015-junho de 2016) para afirmar que na sua dimensão cronológica as narrativas nos meios de comunicação russa e portuguesa refletem os principais acontecimentos da crise dos/as refugiados/as na Europa trabalhando os temas comuns da viagem, da fuga, da chegada às fronteiras europeias, bem como da passagem e do acolhimento na Europa. Importa referir ainda o carácter cíclico dos temas nos meios de comunicação social de língua russa e portuguesa e apontar para a repetição das mesmas fotografias dentro do período observado, na mesma edição eletrónica e nas edições diferentes. Uma vez que é difícil identificar apenas um tema por fotografia, foi possível destacar três núcleos agregadores de temas gerais desse período, mais especificamente:

1. da migração massiva;
2. da falta de segurança;
3. da dimensão humanitária da crise.

Os relatos fotográficos sobre a migração maciça, tipicamente, mostram um grande número de pessoas que ocupa o lugar principal na fotografia ou até transborda o seu espaço. Dentro desse núcleo agregador existem dois modos de retratar as populações forçadas a emigrar: um mais passivo e outro mais ativo. Na primeira instância, as pessoas são representadas como uma quantidade de gente passiva – muitas vezes levada por um barco pelo mar Mediterrâneo, um mar de gente no meio de mar – cujo destino é determinado por forças maiores, naturais e sociais, desde o tempo no mar até às redes traficantes. A coerência dentro do tema é conseguida pelo enquadramento, retratando esse mar de gente como uma grande mancha de cor no centro da imagem. Um leitor das notícias ilustradas por fotografias deste grupo raramente consegue distinguir os rostos dos/as refugiados ou identificar quaisquer outras características suas, como idade, sexo, etc. (com a exceção da cor de pele). Desta forma, o fotógrafo apresenta os/as refugiados/as como corpos não identificados. De facto, até o próprio barco poderia surgir na foto de forma mais identificável. O leitor é desencorajado a criar qualquer relação que seja com as pessoas retratadas pela fotografia pois são representadas como corpos de passagem, corpos temporários e descartáveis, literalmente ao sabor da corrente. São esses corpos desprovidos de voz e de identidade que acabam o seu ciclo de representação ao encher as estatísticas das vidas perdidas no mar e nas redes de tráfico humano. Neste sentido, os/as refugiados/as ficam posicionados como massas populacionais, cuja identidade coletiva é conferida pela tez escura, assim como pela sua origem geográfica e social, e cujo destino é decidido pelo contexto político e geopolítico global. Simbolizado pelo mar sem fim, esse contexto esvazia o sentido de qualquer tipo de protesto. Protestar contra as forças de natureza, remar contra a corrente? Nesse enquadramento semiótico de desumanização, coconstruído pelos modos visual e textual, o ato de protestar traduz-se num ato de coragem tremenda, ou significa agir à beira de desespero.

Utilizamos a notícia publicada no *Correio da Manhã* de 16.08.15 para ilustrar esse grupo

de imagens (Figura 2).

Migrantes: A longa marcha para a Europa

Redes de tráfico humano aproveitam-se dos que fogem da miséria.

Por Carlos Anjos | 16.08.15



Barcos no Mediterrâneo tentam chegar à costa da Europa

Foto D.R.

Fig.2. “Migrantes: a longa marcha para a Europa” (Correio da Manhã, 16.08.15; Darrin Zammit Lupi/Reuters).

Apesar de manifestar todas as características acima descritas, este relato fotográfico destaca-se por mostrar vários ocupantes do barco a saltarem para o mar. Desta forma, o modo visual questiona a uniformidade de motivação coletiva das pessoas no barco a nível interpessoal, evidenciando uma variedade de interpretações da situação concreta a nível individual. No entanto, dado o tema geral da fotografia, mesmo esse ato potencialmente corajoso e imprudente será, com mais probabilidade, interpretado pelo leitor da notícia como o ato de desespero. A narrativa visual acaba por representar as populações forçadas a migrar como vítimas das circunstâncias, motivadas pelo engano ou pela aflição. A ideia é reforçada pelo título e subtítulo da notícia do jornal português: “*Migrantes: A longa marcha para a Europa. Redes de tráfico humano aproveitam-se dos que fogem da miséria*”. Dessa forma, o modo textual introduz a dúvida quanto ao estatuto legal dos/as refugiados/as, anuncia os principais figurantes do processo da viagem para a Europa (“migrantes”, “redes de tráfico”) e reforça as desigualdades de poder (“aproveitando-se”).

Na segunda categoria de imagens do núcleo temático sobre a migração massiva, as populações forçadas são representadas de maneira mais ativa no processo da viagem: por exemplo, a caminhar ou a pedalar para o seu destino (como foi o caso da fronteira entre a Rússia e a Noruega). Neste caso, o leitor consegue focar o seu olhar em pessoas individuais na multidão e tirar conclusões quanto aos seus grupos etários, de género e até de classe social. A direção uniforme do movimento das pessoas nas fotografias transmite o significado de um propósito comum da migração – o que pode, no entanto, ser utilizado para insinuar a invasão.

Mas o cenário à sua volta também colabora na construção da mensagem. Como ilustrado pela Figura 3, a cidade em ruínas constitui uma paisagem que leva as pessoas – velhas e novas, homens e mulheres – a deixá-la para trás fugindo da destruição.

RIA НОВОСТИ | РОССИЯ СЕГОДНЯ

3 января 21:21 МСК

USD 60.66 +0.38 EUR 63.81 +0.79 +17 °C Лисса

ГЛАВНОЕ ПОЛИТИКА ОБЩЕСТВО ЭКОНОМИКА В МИРЕ ПРОИСШЕСТВИЯ СПОРТ НАУКА КУЛЬТУРА

Безопасность Новое оружие России

Всемирный день беженцев

10:00 20.06.2015 (обновлено: 10:01 20.06.2015) 0 264 1 0

© AP Photo/ UNRWA, File

Начиная с 2001 года, согласно решению Генеральной Ассамблеи ООН, 20 июня отмечается Всемирный день беженцев.

Fig.3. “Dia Mundial dos Refugiados” (RIA-Novosti, 20.06.15; UNRWA).

Esta fotografia foi publicada pela Agência noticiosa russa RIA-Novosti a 20.06.2015 para ilustrar uma peça dedicada ao Dia Mundial dos Refugiados, como especificado no título em russo. Com origem na *United Nations Relief and Works Agency* (UNRWA), a fotografia aparece repetidamente em várias edições eletrônicas mundiais ao longo do período observado, por retratar o próprio conceito de refugiado: quando ocorre uma catástrofe natural ou social levando à destruição do seu local de habitação, as pessoas – independentemente da idade, gênero ou classe social – têm que deixar os lugares que se tornam inabitáveis à procura de acolhimento e de guarida. Na imagem em questão, aparece um mar de gente que transborda o espaço da fotografia causando uma forte emoção no leitor da notícia. A narrativa visual, graças à colocação da luz, ao enquadramento e ao retratar o movimento de pessoas cabisbaixas, vestidas de roupas escuras, a saírem em massa, perseguidas pela destruição, relembra as referências bíblicas ao êxodo. Ao criar essa ponte com a narrativa cultural familiar e facilmente reconhecível pelos leitores no Ocidente, os seus autores procuram

aproximar a saída dos/as refugiados/as do Médio Oriente a narrativas culturais ocidentais. Ao mesmo tempo, essa ligação bíblica, igualmente, não deixa lugar nem para o questionamento das causas nem para o protesto perante a situação, focando a lente na dimensão de catástrofe humana.

Existe muita variação nas meta-mensagens das narrativas visuais da migração massiva ao longo do período observado. A notícia publicada no jornal russo *Kommersant* a 25.08.2015 utiliza três fotografias da agência *Reuters* na sua reflexão sobre a crise de refugiados/as (Figs.4.1-4.3). O título “*Os refugiados ultrapassam a UE. O influxo dos migrantes ameaça a zona Schengen*” resume-se à interpretação da crise enquanto ameaça, chegando-se a questionar tanto a adequação das medidas políticas europeias (“ultrapassam/transpõem a UE”), como a própria identificação das pessoas que procuram entrar na Europa como refugiados/as (“refugiados”= ‘migrantes’). Importa acrescentar que a utilização do verbo “ultrapassar/transpor”, neste contexto (entre outros termos como “desafiar”, “disputar” ou até “invadir”), deve ser recebido com alguma estranheza pelos leitores russos, pois sugere uma corrida à UE pelos refugiados/as.

O encarar os/as refugiados/as como migrantes é explorado nas duas fotografias da série (Figuras 4.1 e 4.2). A fotografia de abertura (Fig. 4.1) mostra três homens numa praia vestidos de calções, t-shirts e chapéus a tirarem uma *selfie* com os telemóveis e a fazerem o sinal de vitória. O momento capturado pelo autor da fotografia é de felicidade e de celebração. Pelo tipo de roupa, dos gestos e dos movimentos, pode-se chegar à conclusão que os homens são turistas. Apenas os objetos na foto – as manchas coloridas dos coletes de salvação e o barco insuflável por detrás – indicam um cenário bem diferente, apontando para a travessia pouco segura do mar até conseguirem essa vitória.

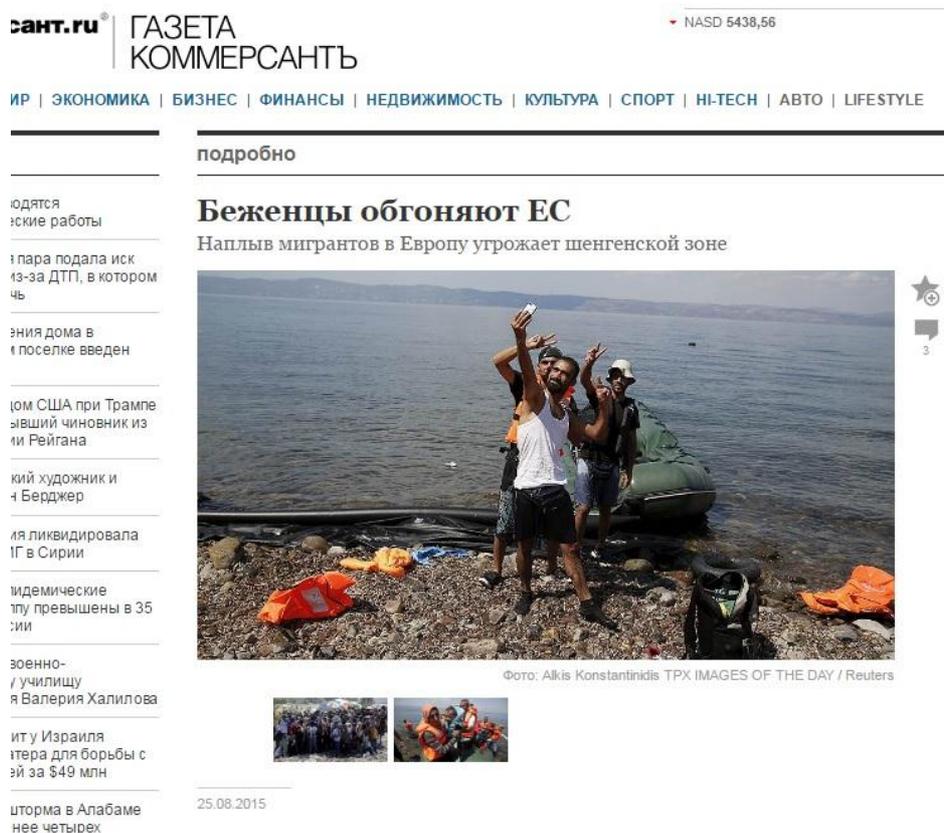


Fig.4.1. “Os refugiados ultrapassam a UE” (Kommersant, 25.08.2015, 1ª foto da série; Alkis Konstanidis/Reuters).

A próxima fotografia da série (Fig. 4.2) retrata uma multidão de pessoas de todas as idades, vestidas com roupas coloridas (calças de ganga, bonés, óculos de sol).



Fig.4.2. Kommersant, 25.08.2015, 2ª foto da série (Ognen Teofilovski/Reuters).

Paradas no meio dos campos, as pessoas da multidão parecem aguardar por uma instrução ou ordem dos agentes policiais colocados nas margens do grupo retratado: as direções dos seus olhares variam, os seus corpos estão virados para lados diferentes. Os objetos e as vestes dos dois grupos na fotografia ajudam a distinguir entre refugiados/as e polícias: os agentes são facilmente identificáveis pelos uniformes e cabeças rapadas como que em representação do controlo oficial. Por outro lado, as vestes dos/as refugiados/as (bonés e chapéus de sol) não alimentam a construção de uma cultura distante, servindo assim o triplo propósito: 1) ajudar a desmontar o medo nas sociedades ocidentais e mostrar a proximidade dos/as refugiados/as aos leitores das notícias; 2) ilustrar a universalidade da crise apelando à dimensão humanitária; 3) reforçar o questionamento do estatuto de refugiado.

A fotografia que fecha a série (Fig.4.3) coloca em destaque uma mulher com uma criança ao colo.



Fig.4.3. Kommersant, 25.08.2015, última foto da série (Alkis Konstandis/Reuters).

As suas expressões faciais, gestos e linguagem corporal contam a história trágica da chegada à costa do Mediterrâneo. O cansaço, a dor, o choro e o desespero estão implantadas nas suas caras. O posicionamento dos corpos da mãe e da criança relembram a “*Migrant mother*” e, até, talvez, podem invocar as imagens icônicas de Nossa Senhora. Assim como na “*Migrant mother*”, os autores da fotografia procuraram ir além do concreto momento capturado, enfatizando os temas da maternidade, da vulnerabilidade e do futuro. Desta forma, as três imagens fotográficas da notícia no jornal russo constroem uma trajetória narrativa visual que começa por reexaminar a identidade dos/as refugiados/as e acaba reforçando a dimensão humanitária da crise de refugiados/as. Em resultado do seu desenvolvimento, o discurso visual complementa, desenvolve e chega a contrariar as mensagens do “influxo” e de “ameaça” expressas pelo modo textual.

Outro tema que agrega narrativas visuais noticiosas do período observado, e que surge da ligação com o tema da migração massiva, é aquele que destaca a falta de segurança e a precariedade das condições nas quais a viagem para a Europa é feita. Dentro desse tema, algum espaço das fotografias é normalmente ocupado por tendas, cobertores estendidos no chão, etc., como se vê na Figura 5.

Bruxelas propõe 54 mil lugares para refugiados sírios

Vagas passam do esquema de recolocação para o processo de reinstalação.

21.03.16



Proposta após acordo entre os líderes da União Europeia e a Turquia

Foto EPA

Fig.5. “Bruxelas propõe 54 mil lugares para refugiados sírios” (Correio da Manhã, 21.03.16; Armando Baroni/EPA).

Com origem na agência internacional *European Press Photo* (EPA) e referente aos confrontos entre refugiados/as e o governo húngaro em março de 2016 – que tentou impedir a sua passagem para a Alemanha –, a fotografia publicada no *Correio da Manhã* traz algumas diferenças discursivas em relação às imagens dos grupos temáticos anteriores. Embora também retratasse as grandes massas humanas com o ponto de fuga alguns no horizonte, referindo dessa forma ao influxo dos/as refugiados/as (e, possivelmente, ao êxodo), confronta o leitor com a imagem das tendas posicionadas em cima de carris. A colocação das crianças refugiadas em plano frontal pode ser uma das pistas que ajudam a descobrir a razão desse posicionamento das tendas. Perante a proibição oficial de fornecer os meios de transporte até à fronteira, os/as refugiados/as adultos optaram por impedir o trânsito ferroviário, pôr as vidas das suas famílias em risco, exibindo assim o seu protesto e exigindo ação imediata por parte das autoridades húngaras. As crianças simbolizam aqui o futuro destas populações e o apelo reforçado à dimensão humanitária da crise.

No último mês de recolha dos dados, junho de 2016, os temas do futuro e da dimensão humanitária ganham uma forte e inegável presença em todos os jornais observados, independentemente da língua de publicação. Nessa altura, a UNICEF publicou o relatório que estima que a maioria das crianças e adolescentes refugiados/as não esteja acompanhada por adultos sendo vulnerável perante as redes existentes de tráfico humano e de exploração sexual.

Na análise sócio-semiótica dos discursos mediáticos, as imagens de menores surgem

habitualmente associadas à inocência e vulnerabilidade. Essa ligação está a ser explorada na fotografia da agência *Reuters* publicada pela SIC-Notícias a 19 de junho de 2016 (Fig.6):

CRISE MIGRATÓRIA NA EUROPA

Nações Unidas lançam campanha e petição de apoio aos refugiados



19.06.2016 09h46

A Organização das Nações Unidas (ONU) lançou uma campanha e uma petição que instam os governos a garantirem a segurança, a educação e o emprego dos quase 20 milhões de refugiados em todo o mundo.



© MARKO DJURICA / REUTERS

Fig.6. “Nações Unidas lançam campanha e petição de apoio aos refugiados” (SIC-Notícias, 19.06.2016; Marko Djurica/Reuters).

Nesta fotografia, o leitor da notícia vê as dezenas de crianças e adolescentes num campo aberto – alguns sentados e outros em pé – que recomeçam a sua caminhada depois de uma pausa para descansar. As suas mochilas grandes indicam um caminho longo, no entanto, nem a sua origem nem tampouco o destino se avistam. Os menores parecem estar desacompanhados, pois os adultos se adivinham ao longe. Desse modo, a mensagem de vulnerabilidade aparece em destaque e reforça o apelo expresso no modo textual (“petição de apoio aos refugiados”).

Os media da língua russa também utilizaram, na mesma altura, fotografias de crianças desacompanhadas. Observa-se, por exemplo, na fotografia da Fig. 7, publicada no sítio web de um dos maiores canais de televisão russa “Vesti”.

ВЕСТИ.RU Новости Видео Фотолента Трансляции Сервисы

Тема:
 ⏪ Нелегалы в Европе ⏩ 5 часов назад

Новости | Общество Все видео этой рубрики ⏪

28 июня 2016 10:12

Европейцы считают, что мигранты разъединяют общество



Fig. 7. “Europeus consideram que migrantes dividem a sociedade” (Vesti, 28.06.2016; EPA).

A narrativa visual dessa fotografia, proveniente da agência *European Press Photo*, parece ser bastante semelhante à narrativa da fotografia da SIC-Notícias (Fig.6): o leitor vê muitas crianças rodeadas de sacos, sentadas no chão, a descansar num campo aberto. Os poucos adultos estão longe ou quase ocultos. Portanto, a mensagem visual pode igualmente ser de vulnerabilidade e de inocência. Se tomarmos em consideração a mensagem textual do título traduzido (“*Europeus consideram que migrantes dividem a sociedade*”), ficamos, entretanto, perplexos: os jornalistas russos não apenas evitaram o termo “refugiado”, como introduziram a ideia de falta de uniformidade na Europa perante a crise migratória. Ao quebrar o eixo associativo habitual entre as imagens de crianças e a inocência e a vulnerabilidade, os autores da notícia redirecionaram a atenção do leitor ao modo textual, que se refere aos resultados de uma sondagem de opinião lançada por um projeto internacional (*Sputnik.Polls [Sputnik.Opiniões]*) com parceiros nos países europeus e nos Estados Unidos. A sondagem, alegadamente, demonstrou que a maioria dos inquiridos no Reino Unido, França e Alemanha concorda que “são precisamente os migrantes que dividem a sociedade” (Vesti, 28.06.16). Entre os parceiros do projeto são citadas as empresas e institutos de pesquisa do mercado e da

opinião pública, tais como *Populus* no Reino Unido, IFOP (*Institut Français d'Opinion Publique*) e *Forsa* na Alemanha.⁴

Neste espaço do conflito entre o modo visual e textual, os jornalistas russos iniciaram uma nova cadeia de significação onde as crianças refugiadas possam vir a ser associadas a um futuro que é incerto e cheio de perigo. Os discursos alarmistas de ameaça à união da Europa por causa dos refugiados, que circularam durante o período observado e continuam a dominar os media de língua russa (e.g. Figs.4.1-4.3), passaram a incluir também crianças e menores. Nesses discursos, insinua-se sub-repticiamente a ideia de migração forçada como migração encenada ou até engendrada (“*engineered*”, como diz Greenhill, 2010), em que as populações refugiadas agem como ferramentas de uma guerra híbrida (Grohmann, 2016). Na contestação dos discursos, os temas da dimensão humanitária, da maternidade, vulnerabilidade e do futuro na crise de refugiados/as ficam gradualmente ofuscados pelos discursos do medo e de ódio associados a toda a população refugiada independentemente da idade ou sexo.

4. Considerações finais

A fotografia, desde os tempos da sua massificação, representa uma forma de consumo e de entretenimento visual e, como tal, é aberta e sujeita à manipulação. Entre os vários tipos de fotografia, a documental – utilizada nas ciências sociais e humanas – não se posiciona fora desta tendência, apesar de muitas vezes ser considerada como um mero registo da realidade. Olhando para as imagens fotográficas que acompanham notícias publicadas nas páginas eletrónicas de agências de notícias portuguesas e russas, entre junho de 2015 e junho de 2016, considerámos as representações evidenciadas pelos modos visual e textual. A sua configuração em notícia concreta (texto-imagem), bem como a recorrência da mesma configuração ao longo do período analisado, colabora na construção de determinadas visões sobre as populações refugiadas e sobre as medidas políticas mais adequadas em relação a estas populações. Como qualquer representação, o texto e a imagem que o acompanha promovem múltiplas mensagens e contêm pistas aquando da interpretação das mensagens (meta-mensagens). O seu potencial interpretativo modifica-se com o tempo, inserindo-se no contexto cultural das sociedades, sustentado pelas visões predominantes e metáforas familiares naquela sociedade. Neste sentido, o potencial interpretativo muda com o espaço-tempo, podendo a mesma configuração texto-imagem ser interpretada de maneira diferente pelos leitores na Rússia e em Portugal – no processo de hierarquização as representações priorizam alguns temas, enquanto empurram outros temas para as margens ou ocultam-nos do leitor.

Ao longo do período, observam-se algumas semelhanças em representações mediáticas nas notícias publicadas em língua russa e portuguesa, sendo a principal a “ansiedade perante a presença das comunidades muçulmanas e tradições islâmicas dentro das fronteiras da Europa” (Asad, 2000: 11). Interessante concluir como essa ansiedade perante os/as refugiados/as do Médio Oriente tem sido tratada pelos meios de comunicação social na Europa a partir de três núcleos temáticos agregadores: 1) migração massiva; 2) falta de segurança e 3) dimensão

⁴ Uma pesquisa mais detalhada sobre as fontes e os parceiros do projeto referido na notícia revelou que, entre junho de 2016 e fevereiro de 2017, as ligações externas à sondagem tinham sido retiradas do texto. Nem o IFOP nem o *Forsa* listam o *Sputnik.Polls* entre os seus clientes. Para além disso, nenhuma sondagem realizada no período anunciado é referida nas páginas-web desses institutos. Foi possível determinar que *Sputnik.Polls* era um projeto de radiodifusão e *podcast* com ligações ao canal da televisão russa *Russia Today*, com transmissão diária internacional. A redação do canal foi várias vezes acusada de apresentar notícias de forma sensacionalista e tendenciosa.

humanitária. Quando falam da migração em massa, os média tendem a apresentar refugiados/as como massas populacionais desprovidas de identidade e de voz, vítimas das circunstâncias ao sabor das políticas governamentais, i.e., das redes de solidariedade por um lado e das redes de tráfico, por outro. Em consequência, o espaço de questionamento, resistência ou protesto perante essa vitimização é inexistente ou reduzido. Neste cenário, outras pessoas – representantes institucionais, políticos ou traficantes – e, às vezes, até objetos, como barcos, tendas, etc., ganham maior agência influenciando as vidas dos/as refugiados/as.

Ao representar refugiados/as a tomarem iniciativa, os meios de comunicação social colocam sob dúvida ou até suspeita a direção e o propósito dos seus movimentos, tentando perceber se se trata de fuga, fluxo ou invasão. A dimensão de controlo e de existência de líderes identificáveis parece ser mais importante para os jornalistas, pois ajuda a resolver uma série de inquietações no Ocidente perante estes movimentos em massa vindos do Oriente. Por isso, discursos visuais destacam o papel controlador dos agentes do estado (e.g. polícias). Nos meios de comunicação de língua russa, demonstra-se uma menor e fraca intervenção dos agentes oficiais intervenientes no local, procurando questionar a identidade e o estatuto do refugiado através da sua associação a posições discursivas que os tratam de turistas, potenciais terroristas ou migrantes ilegais a desafiarem fronteiras e instituições europeias. Na construção dos discursos de medo pelos jornalistas russos, a migração desde o Médio Oriente é apresentada como planeada, onde mesmo as imagens de crianças refugiadas existem para sustentar mensagens inquietantes e alarmistas do fim da Europa unida. O discurso do medo desqualifica, dessa forma, o apelo humanitário e de solidariedade para com essas populações.

Nas representações mediáticas da crise de refugiados o central lugar é ocupado pelas metáforas facilmente reconhecíveis pelos leitores no Ocidente. Assim, os movimentos em massa passam a associar-se ao Êxodo, as imagens das mães refugiadas reciclam a linguagem visual da Nossa Senhora, e as imagens de crianças refugiadas destacam os temas da vulnerabilidade e do futuro incerto.

O tema da imaginação de futuro de crianças refugiadas construído nos meios de comunicação social de língua russa e de língua portuguesa divide as intenções discursivas pelo enfoque na ameaça nos jornais russos e na vulnerabilidade e falta de resposta nos jornais portugueses. No entanto, nenhum dos aparatos discursivos parece ser capaz de lidar, nem de transmitir toda a complexidade das causas sociais, históricas, económicas e políticas da crise de refugiados. As narrativas noticiosas russas e portuguesas continuam a tentar representar os espaços europeus como espaços simbólicos homogéneos inseridos no tempo histórico linear (Asad, 2000: 16-17). Essa homogeneidade e linearidade civilizacional tem sido construída, neste caso, através do situar o debate sobre refugiados/as nos eixos relacionais Ocidente-Oriente e Islão-Cristianismo. A Europa construída desta forma é destinada a ser ansiosa e inquieta sobre o seu futuro. Nas palavras de Asad:

If Europe cannot be articulated in terms of complex space and time, which allow for multiple ways of life and not merely multiple identities to flourish, it may be fated to be no more than the common market of an imperial civilization, always anxious about (Muslim) exiles within its gates and (Muslim) barbarians beyond (Asad, 2000: 24).

Na ausência de mecanismos discursivos (bem como de intenção política) para a incorporação desta complexidade histórica, as representações mediáticas continuam a ser vulneráveis às mensagens de medo, ódio e xenofobia. Essa falta abre um caminho a manipulações populistas e nacionalistas na Europa.

Referências bibliográficas

Asad, Talal (2000), “Muslims and European identity. Can Europe represent Islam?”, in Hallam, Elizabeth; Street, Brian (orgs.), *Cultural encounters: representing 'otherness'*. London: Routledge, 11-28.

Bateson, Gregory (2000), *Steps to an ecology of mind*. Chicago: The University of Chicago Press.

Baudelaire, Charles (1999), “Le public moderne et la photographie”. *Études Photographiques*, 6. Consultado a 09.03.2017, disponível em <http://etudesphotographiques.revues.org/185>.

Becker, Howard (2002), “Visual evidence: A Seventh Man, the specified generalization, and the work of the reader”, *Visual Studies*, 17(1), 3-11.

Clifford, James (1988), *The predicament of culture. Twentieth-century ethnography, literature, and art*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Collier, John (1967), *Visual anthropology: photography as a research method*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston.

Entin, Joseph (2014), “Culture on the move: depression-era documentary and migrant California”, *Criticism*, 56(4), 841-847.

Fairclough, Norman (2006), *Capitalismo global e consciência crítica da linguagem*. Viseu: Pedago.

Greenhill, Kelly M. (2010), “Weapons of mass migration: forced displacement as an instrument of coercion. *Strategic Insights*”, 9(1), 115-159.

Grohmann, Jan (2016), “Bezhtentsy kak instrument Rossii v gibridnoj vojne” [Refugiados como ferramenta da Rússia na guerra híbrida]. *InoSMI*, Russia. Consultado a 09.03.2017, disponível em http://inosmi.ru/country_russia/20160106/234988236.html.

Hallam, Elizabeth; Street, Brian (2000), *Cultural encounters: representing 'otherness'*. London: Routledge.

Kress, Gunther; van Leeuwen, Theo (1996), *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge.

Machin, David (2007), *Introduction to multimodal analysis*. London: Hodder Arnold.

Sontag, Susan (1999), “The image-world”, in Jessica Evans e Stuart Hall (orgs.), *Visual culture: the reader*. London: Sage, 80-94

UNHCR, United nations Refugee Agency (2015), Global Report. Consultado a 02.02.2017, disponível em <http://www.unhcr.org/gr15/index.xml>.

Urry, John; Crawshaw, Carol (1995), “Turismo e consumo visual”, *Revista Crítica de*

Ciências Sociais, 43, 47-68.

Jornais eletrônicos citados

Rússia

Vesti, 24 de outubro de 2015, “Cada vez mais refugiados sírios chegam a Noruega de bicicleta”. Disponível em <http://www.vesti.ru/doc.html?id=2678947>.

Open Russia, 17 de julho de 2015, “Como é a vida dos refugiados sírios e outros na Rússia”. Disponível em <https://openrussia.org/post/view/8566/>.

Lenta, 21 setembro de 2015, “Chorei muito e não sabia o que fazer. Refugiados sírios sobre a vida difícil na Rússia”. Disponível em <https://lenta.ru/articles/2015/09/21/syrian/>.

RIA-Novosti, 20 de junho de 2015, “Dia Mundial de Refugiados”. Disponível em <https://ria.ru/spravka/20150620/1076400538.html>.

Kommersant, 25 de agosto de 2015, “Os refugiados ultrapassam a UE”. Disponível em <http://www.kommersant.ru/doc/2795603>.

Vesti, 28 de junho de 2016, “Europeus consideram que migrantes dividam a sociedade”. Disponível em linha em: <http://www.vesti.ru/doc.html?id=2769982&tid=108564>.

Portugal

Correio de Manhã, 16 de agosto de 2015, “Migrantes: A longa marcha para a Europa”. Disponível em http://www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/migrantes_a_longa_marcha_para_a_europa.

Correio de Manhã, 21 de março de 2016, “Bruxelas propõe 54 mil lugares para refugiados sírios”. Disponível em http://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/bruxelas_propoe_54_mil_lugares_para_refugiados_sirios

SIC Notícias, 19 de junho de 2016, “Nações Unidas lançam campanha e petição de apoio aos refugiados”. Disponível em <http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/crise-migratoria/2016-06-19-Nacoes-Unidas-lancam-campanha-e-peticao-de-apoio-aos-refugiados>